

BRIGNOL, Liliane D. & FIGARO, Roseli. Trabalho do pesquisador: os desafios da empiria em estudos de recepção. Curitiba, PR: Appris Editora, 2017.

Nathália Drey Costa¹

Ciência é uma palavra que produz sentido de “certeza”. *Trabalho*, por sua vez, é outro termo que conota sentidos fixos, rígidos ou mesmo mecânicos. Desnaturalizar tais concepções rígidas entre o fazer-ciência e o exercício do trabalho é imprescindível aos pesquisadores que buscam compreender a complexidade do ser humano através de métodos que intencionam escutar o sujeito, encontrá-lo em seu próprio espaço, partilhar de seus próprios relatos em sua cotidianidade. Assim, pesquisas que envolvam métodos de recepção jogam justamente com esses sentidos de fazer-ciência/pesquisa/trabalho muito rígidos e mecânicos, desnaturalizando-os, pois, estabelecem desafios empíricos em sua busca pela compreensão do outro e da sociedade.

Entretanto, mesmo carregado de sentidos fixos, o trabalho do pesquisador tem as suas nuances, em muitos casos, desenroladas de forma a passarem despercebidas, em movimentos que ocultam as relações, dinâmicas e contradições inerentes do próprio sentido do trabalho científico. Roseli Figaro (2016) atenta para essa questão ao escrever um dos artigos que contempla a obra organizada pela mesma e por Liliane Dutra Brignol denominada *Trabalho do pesquisador: os desafios da empiria em estudos de recepção*, de 2016, lançado neste 2017. O sentido do trabalho do cientista social é analisado por Figaro (2016) em seu artigo, no qual a autora define que

[...] tanto o trabalho do homem comum quanto o trabalho do artista/cientista padecem do mesmo mal. Lógicas estranhas à gênese do trabalho científico/artístico controlam a realização dele. Se eles padecem da mesma contradição também desfrutam da mesma materialidade: o trabalho humano é sempre criação, realização inédita de um corpo físico, histórico, social. É síntese de saberes anteriores, normalizados como experiência. O movimento dialético entre a norma e o inédito resulta no trabalho concreto [...] Entender o trabalho humano é desfazer a mística que separa trabalho intelectual de trabalho braçal; é tornar inteligível a dialética alienação/realização. Esses elementos nos aproximam da caracterização da atividade humana de trabalho como atividade transformadora, criativa e inédita na qual o sujeito se objetiva como ser social, consciente e histórico. Nessa linha de pensamento, *o trabalho do cientista/pesquisador é um trabalho como todos os demais*. (Figaro, 2016: 22-23).

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

Portanto, se o trabalho do cientista é um ofício igual a todos os demais (no sentido, apontado pela autora, daquele que envolve alienação e criação), é compreensível e até mesmo esperado que as contradições do exercício do fazer-ciência apareçam, exigindo diversidade aos caminhos e ampliação de horizontes no processo de sanar dúvidas.

Nesse caminho - o de compreender como se desenvolve o trabalho do pesquisador no espaço da empiria aplicada aos estudos de recepção -, a obra de Roseli Figaro e Liliane Dutra Brignol vem para elucidar sobre o tema ao mesmo tempo em que concentra alguns desafios e relatos partilhados entre pesquisadores do ramo. O resultado são artigos que não analisam apenas o final da jornada de trabalho do pesquisador (os resultados), mas, também e principalmente, o *percurso* desenvolvido por este, seus desafios, as soluções encontradas, os estímulos a continuar com a pesquisa, os entraves, além de uma série de outros elementos que estão presentes no cotidiano de pesquisadores que se envolvem com outros sujeitos e que buscam extrair análises de experiências cotidianas, subjetivas e objetivas. A ideia da obra, como as próprias organizadoras explicam na introdução da mesma, partiu de sessões do *GT Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiático*, realizadas no Encontro Nacional da Compós transcrito no ano de 2016.

O que podemos inferir pela seleção dos artigos é que a obra concentra trabalhos de recepção e consumo midiático bastante diversificados em questões de tempo de pesquisa e de campo, profundidade de imersão no trabalho, em objetos e sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como em desafios e estímulos, porém, não apenas apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida a partir de métodos empíricos. No caso destes textos, há a presença e a marca da subjetividade na construção da pesquisa, pois, como o próprio título da obra define, o *trabalho do pesquisador* passa por suas condições materiais e subjetivas que, concentradas em uma obra, podem servir de “mapa” para futuros pesquisadores que se envolvam com recepção em seus trabalhos acadêmicos, ou mesmo para pesquisadores que já se arriscam por esse caminho há tempos e que precisam partilhar dúvidas e lacunas com seus pares a fim de completar seus estudos.

Mais do que se propor, comparar e apresentar resultados, os autores deste livro (que disponibilizaram seus artigos às organizadoras) partilham *relatos de pesquisa empírica*,

desenvolvendo momentos que extrapolam as dúvidas sobre “o que pesquisar” ou “o que resultou desta pesquisa”, mas, fundamentalmente, *como pesquisar* - como fazer, como desenvolver, como superar desafios e dificuldades, como enfrentar possíveis problemas no desenvolvimento da pesquisa, entraves e imprevistos que sempre podem surgir e que exigem flexibilidade na adaptação de ideias para o desenvolvimento do curso de uma pesquisa.

A apresentação da obra foi escrita pela professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Nilda Jacks, integrante do Núcleo de Pesquisa Recepção e Cultura Midiática do PPGCOM/UFRGS. Como afirma Jacks (2016) nesta apresentação, a empiria é o exercício que requer trabalho de campo, contato, observação atenta, idas ao “território dos sujeitos”, como a mesma define. Nos capítulos desenvolvidos pelos demais autores que compõem esta coletânea de trabalhos, estão experiências que buscaram essa ida ao “território dos sujeitos”, bem como relatos de desafios que vão desde a mudança nos objetos de estudo até recusas e entraves burocráticos no desenrolar da pesquisa. Os relatos são de trabalhos de campo e pesquisa empírica realizados no processo de escrita e elaboração de dissertações ou teses, ou mesmo no desenvolvimento de projetos de pesquisa. Os sujeitos de estudo são muito diversos entre si: meninas com deficiência visual, mexicanos zapatistas, população carcerária, migrantes senegaleses no Brasil. Os desafios em dado momento se aproximam, em outro se afastam, mas estão presentes em cada um dos relatos. A satisfação e os resultados promissores, bem como um vínculo com o objeto/sujeito de estudo, também estão lá, em cada um dos relatos apresentados.

Começo com a definição dos artigos propostos pelas organizadoras do livro. No artigo de Roseli Figaro (2016), *O trabalho de empiria nos estudos de recepção*, contemplamos os relatos da autora do período de doutoramento e conclusão de sua tese, mas, principalmente, uma definição a respeito do conceito de trabalho e sua aplicação ao trabalho do cientista (como a própria autora define, nem um pouco diferente de quaisquer outros trabalhos no que compete à dialética alienação/criação envolta nessa materialidade do ofício). Liliane Dutra Brignol (2016), também na organização do livro, elucida em seu artigo (*Pesquisar com e a partir do outro migrante: a construção de um trabalho de campo intercultural e multisituado*) a respeito dos desafios de se fazer pesquisa empírica com migrantes. No caso do trabalho de Brignol (2016), pesquisa com migrantes senegaleses que

residem no Rio Grande do Sul e os usos sociais dos meios na perspectiva dos estudos de mídias e migrações. Diante desse contexto, Brignol (2016) apresenta etapas do seu envolvimento com os sujeitos da pesquisa, bem como propostas metodológicas que abarcassem noções transnacionais e que superassem a criação de discursos focados na exotização da diferença do outro migrante. Com o desenvolvimento de minha pesquisa durante a realização da dissertação de mestrado² (entre 2015 e 2016), também pude estar em “território alheio” através de exercícios de entrevistas em profundidade, observação participante, contato e diálogo por meio de redes sociais *online* e em encontros presenciais com migrantes senegaleses que se dispuseram a colaborar com meu trabalho de pesquisa. Os dois anos de realização da dissertação colocaram-me em situação de contato na qual foi necessário compreender as nuances da alteridade nas relações com migrantes, bem como enfrentar desafios básicos de comunicação (o entendimento do idioma, as diferenças de religião, etnia, gênero, a diversidade cultural entre nós, além de outros tantos elementos). Este livro surgiu após a conclusão de meu trabalho (ao final de 2016), mas, é comparando os desafios e as dúvidas que tive durante a realização da pesquisa com as expostas pelos autores em seus artigos nesta obra (principalmente no trabalho de Brignol), que percebo a importância do compartilhamento de experiências entre pesquisadores que circulam pela recepção. Esse compartilhamento torna-se um método interessante para auxílio e qualificação da prática de pesquisa empírica, colaborando para a formação de pesquisadores mais preparados para tais desafios expostos neste ramo.

O trabalho de Ismar Capistrano Costa Filho (*O trabalho de produção do conhecimento: a pesquisa das rádios zapatistas no México*) também traz uma perspectiva sobre os desafios da interculturalidade, com as diferenças de idioma, cultura e território, apresentando o percurso de pesquisa, a realocação do objeto de estudo, a partir da perspectiva teórico-metodológica dos usos sociais dos meios de Jesus Martín-Barbero (1987³). Costa Filho (2016) também apresenta o percurso de retorno dos resultados aos sujeitos que se dispõem a participar da pesquisa. Valquíria Michela John (2016), em seu

² Dissertação defendida e aprovada em janeiro de 2017, intitulada *Mídias e Migrações: a representação de si e a representação midiática da identidade senegalesa em diáspora*, orientada pela Prof.^a Dr.^a Liliane Dutra Brignol.

³ Perspectiva teórico-metodológica que sugere o estudo da comunicação a partir das mediações - as apropriações dos meios em diferentes temporalidades e localidades - apresentada por Barbero com a obra *Dos meios às mediações*, lançada pela primeira vez em 1987.

artigo (*Atravessando os portões: itinerários de pesquisa de recepção em um ambiente prisional*), apresenta a situação de pessoas em situação prisional, atentando para a invisibilidade desses sujeitos perante à sociedade, desenvolvendo e apresentando uma perspectiva metodológica que buscasse escutar e divulgar o que pensam e dizem esses sujeitos.

Lírian Sifuentes (2016), por sua vez, buscou se apropriar de métodos que possibilitassem um estudo comparativo entre diferentes apropriações dos meios de comunicação por mulheres de classes sociais distintas entre si. Em seu artigo (*[Des]construindo a pesquisa empírica: percurso metodológico de um estudo comparativo de consumo midiático*) a autora apresenta a atenção e o cuidado com o percurso metodológico destinados por ela, a forma como a mesma conduziu questionários e entrevistas com mulheres que se dispuseram a participar de seu estudo. Ainda sobre classe social e desafios nos métodos para estudos nesse setor, há o artigo de Rafael Grohmann (2016) - *Pesquisa teórica e metapesquisa em recepção: desafios e dilemas metodológicos e epistemológicos*. O autor salienta a pesquisa bibliográfica e o acúmulo teórico nas etapas de qualquer trabalho científico, apresentando, também, seu percurso metodológico nos estudos de classe aplicados ao campo da comunicação. Marcelo Santos (2016), por sua vez, elucida como os entraves no desenvolvimento da pesquisa com sujeitos podem se transformar em um novo desenho de trabalho de campo e a realocação de um novo objeto de estudo. Em seu artigo (*A empiria como obra aberta: relato de um estudo interrompido transformado em nova pesquisa de campo*), Santos (2016) recupera todo seu percurso metodológico para demonstrar a necessidade de flexibilidade e adaptação diante de recusas e problemas burocráticos, demonstrando alguns resultados de seu trabalho de produção e recepção de sentidos do corpo por mulheres cegas.

Apresentando um artigo com resultados de pesquisa em oficinas educativas realizadas com jovens moradores de um bairro periférico de Novo Hamburgo (RS), Jiani Bonin e Lívia Saggin (2016) apresentam um debate metodológico envolvendo pesquisa participante. Bonin orientou a dissertação de mestrado de Saggin, que foi desenvolvida a partir da pesquisa realizada com o desenvolvimento das oficinas, e o percurso foi apresentado no texto *Da pesquisa participante à pesquisa ação/intervenção: reflexões da caminhada investigativa*. Também partindo de uma perspectiva de estudo com pessoas

jovens (neste caso, com crianças brasileiras e portuguesas), Juliana Doretto (2016) elucida em seu artigo (*Deixe as crianças falarem*) a respeito dos métodos de escuta atenta, com foco no trabalho desenvolvido com crianças. A necessidade de respeito, empatia e consideração com os sujeitos de pesquisa quando esses são crianças e os desafios da pesquisa de recepção voltada a esse público. Por fim, o artigo de Antonio Fausto Neto (2016) encerra essa coletânea de textos propondo um debate teórico (*Indo além do “leitor-modelo”*) a respeito dos sentidos do leitor, bem como a produção/recepção com foco na análise de anúncio institucional veiculado pelo jornal *Folha de São Paulo*, situando tal debate no contexto de sociedade midiaticizada, situada em lógicas midiáticas complexas.

Analisando os desafios relatados nos artigos, é possível observar que há uma concepção generalista difundida a respeito do trabalho empírico que, em muitos casos, acaba por prejudicá-lo: uma certa concepção positivista de resultado e eficácia que apaga e anula as significativas nuances presentes nesse trabalho, que podem envolver projetos que iniciam e se encerram sem grandes alterações, assim como projetos que precisem mudar de curso ou lidar com trabalhos práticos de campo que podem não responder à hipótese apresentada pelo autor. Cabe a nós, pesquisadores enveredados por este ramo, também revisar o conceito de trabalho “que dá certo”. Como os próprios autores dos textos indicam, o que é, afinal, dar certo em uma pesquisa empírica? Repensar a existência de resultados denominados “eficazes” na empiria é um importante passo para compreender as adversidades do trabalho e lidar com as mesmas de maneira mais flexível, produzindo resultados bem analisados.

Ainda é possível destacar mais um elemento importante dessa reunião de relatos de trabalho: a intenção e o comprometimento com o *respeito ao sujeito* que concorda em participar de uma pesquisa empírica. Os relatos trazem dificuldades - e até mesmo algumas recusas e situações tensas -, mas, é importante visualizar que o respeito ao espaço do outro, a busca pela compreensão de seus relatos, pela consideração ao se lidar com informações e conteúdos que são gerados a partir da vida cotidiana do sujeito, todos esses elementos são essenciais para o desenvolvimento ético da pesquisa. Ensinar aos pesquisadores o respeito pelo outro (que é um *sujeito de pesquisa*, e não um mero objeto) é parte da construção de pesquisas empíricas completas. Nesse meio, o livro das autoras Liliane Brignol e Roseli Figaro também atenta para a subjetividade do trabalhador da pesquisa, o *sujeito*

pesquisador. Suas condições práticas de produção, suas escolhas, decisões, erros e acertos, devem ser levadas em consideração ao tratarmos de pesquisa feita com/entre/para seres humanos, envolvendo toda a complexidade das relações e subjetividades que podem circular em quaisquer espaços: respeito pelo seu próprio trabalho, enquanto pesquisador, respeito pela subjetividade do outro, enquanto sujeito de pesquisa.

Recebido em: 20/10/2017.
Aprovado em: 15/11/2017.